

College Music Society Conference 2012 Distance Learning Resources

Na 55ª Conferência Nacional do College Music Society (<http://www.music.org>), será apresentado um pôster eletrônico intitulado *Music Education at the Brazilian Open University*, durante uma sessão de debates que tem como foco exclusivo o ensino de música a distância. O *abstract* abaixo foi enviado e aprovado pelos organizadores do evento para inserção nos materiais de divulgação, e a apresentação que será realizada terá como base o artigo a seguir, destacando especificamente o caso citado da UAB-UFSCar.

Music Education at the Brazilian Open University

**Daniel Gohn
Federal University of São Carlos, Brazil**

Abstract

In 2006 a huge educational project was started in Brazil, based mostly in distance learning technologies: the Brazilian Open University. Its goal has been to offer good quality undergraduate courses throughout the country, with special focus to regions far away from renowned institutions. Nowadays 207.000 students are enrolled in courses from all areas of knowledge, created in partnerships with universities that develop pedagogical material, assist pupils in their studies, and issue certification accordingly to local regulations. The Federal University of Sao Carlos has joined forces with this project to offer an undergraduate Music Education program, with an attendance of 250 new students each academic year. It takes five years to complete the 3120 scheduled hours of study, resulting in the same diploma received by alumni of the Sao Carlos campus. This course combines the use of books and an online learning management system (Moodle) with weekly meetings between students and local tutors. Teachers strive to find technological solutions for each discipline, with the assistance of three types of professionals: the audiovisual team, which produces videos and still images; the printed material team, which produces a book for each specific subject; and the online team, which prepares the learning management system. During this whole process of preparation, an instructional designer is constantly trying to build

bridges between educational content and technological possibilities. Going beyond the regular online environment, some teachers have used Facebook, YouTube, and other Internet resources in order to expand access to their disciplines. As many students commute weekly to take part in activities with their tutors, mobility is a main concern and therefore the use of portable devices is always encouraged. QR codes link music notation in printed books to YouTube videos that were produced for low resolution screens, making it possible for all students with cell phones to practice while in movement. This presentation will discuss general information about the Brazilian Open University and then keep its focus on the teaching of a percussion discipline. The challenges of such task are threefold: firstly, there is a discrepancy among the level of previous experiences of students with percussion instruments; secondly, with large groups the teacher is not able to direct individual attention to everyone (online tutors keep up with each individual development); and lastly, technological obstacles prevent the common use of videoconferencing. Online synchronous interactions are reserved for chosen moments and serve as a complement for pre-recorded videos. Students also record videos to show their progress and must fulfill a list of assignments that includes written work and online debates. Within this discipline, in a 2-year timeframe many percussion instruments are studied, maintaining as central elements practices with drumsticks and with the pandeiro. All activities are planned in order to provide tools for future music educators, in an effort to minimize the lack of music teachers in Brazil. This unique experience might be a reference for other countries facing similar situations, helping to form educational multipliers and spread music studies throughout the planet.

Educação musical a distância: possibilidades de uso das tecnologias

Daniel Gohn

Resumo: Esse artigo apresenta exemplos de educação musical a distância, discutindo alguns dos formatos existentes e suas possíveis contribuições no Brasil, especificamente no curso de Educação Musical da UAB-UFSCar. São apontadas práticas que reproduzem situações presenciais em ambientes virtuais, cursos formais de formação musical, projetos direcionados a recursos educacionais abertos, e softwares online que facilitam o envolvimento de iniciantes com as tecnologias. É colocada a importância de se observar experiências passadas, ao longo do histórico da EAD, assim como alternativas futuras, a partir das constantes inovações no universo digital. Como resultado, o texto forma um retrato geral de possibilidades tecnológicas para viabilizar processos de ensino e aprendizagem musical a distância.

Abstract: This paper presents examples of music distance education, discussing some of the existent formats and its possible contributions in Brazil, specifically in the Music Education program at the University of Sao Carlos. It points out to practices that emulate face-to-face situations within virtual environments, formal courses for music studies, projects leading to open educational resources, and online softwares that facilitate the involvement of beginners with technologies. The importance of observing past experiences is stated, considering the history of distance education, as well as future alternatives, derived from constant innovations in the digital universe. As a result, the text produces a general portrait of the technological possibilities for processes of music teaching and learning at a distance.

Em tempos recentes, a educação a distância (EAD) tem sido o tema de muitas discussões, existindo duas causas principais para esse fato: a expansão da Internet, que possibilitou um amplo crescimento quantitativo e qualitativo em processos de ensino e aprendizagem; e as políticas públicas que têm incentivado o desenvolvimento dessa área, resultando em projetos como a UAB – Universidade Aberta do Brasil, que servirá como exemplo neste artigo, mais adiante. No entanto, ao se falar em “educação musical a distância”, são poucas as informações conhecidas pela maioria dos indivíduos. Como forma de esclarecer o assunto, a indicação de exemplos pode mostrar diferentes formatos de cursos, tanto aqueles realizados completamente a distância, quando mestres e aprendizes não se encontram fisicamente em nenhum momento, como nas chamadas situações híbridas, em que as tecnologias são usadas como apoio para cursos presenciais.

Embora a importância das redes eletrônicas na educação seja evidente atualmente, a EAD não surgiu com a Internet. Há quem diga que esse surgimento ocorreu com as epístolas de São Paulo, funcionando como as apostilas de cursos por correspondência, que iriam existir muito tempo depois. Mas foi no século XIX, de acordo com pesquisadores

educacionais como Moore e Kearsley (2007), que o sentido moderno de “educação a distância” começou a ser lapidado. Com sistemas ferroviários e correios confiáveis, o trânsito de conteúdos educacionais começou a instigar professores e alunos em novas buscas, difundindo conhecimentos que antes ficavam restritos a determinadas regiões geográficas.

Com a chegada dos avanços do século XX, novas tecnologias foram sendo adotadas nas instituições que exploravam os caminhos da EAD. O telefone era interativo e possibilitava comunicações rápidas, importantes para a resolução de dúvidas sobre os materiais didáticos. Entretanto, os altos custos eram um problema, além de ser uma alternativa um-para-um, ou seja, não seria um bom meio para lidar com grandes quantidades de alunos. Depois, com o rádio, foi possível usar a modulação de voz para dar ênfases específicas aos conteúdos educacionais. Antes disso, a leitura de textos sempre foi tarefa exclusiva dos alunos, que faziam suas interpretações das palavras. A fita cassete permitiu um enorme salto no acesso ao áudio, pois representava um meio de “empacotar” o som que antes se perdia nas ondas radiofônicas. Assim, alunos podiam ouvir suas lições quando fosse desejado, repetindo-as quantas vezes fosse necessário.

Na segunda metade do século XX, a imagem chegou à realidade dos meios de comunicação. A televisão foi usada com sucesso em vários projetos de ensino¹, o videocassete promoveu o “empacotamento” da imagem (assim como o rádio fez com o áudio), o DVD aumentou a qualidade e o controle sobre os conteúdos, e finalmente a Internet surgiu, construindo um vasto leque de alternativas para processos educacionais. O universo digital trouxe grandes mudanças para todos os campos da música, resultando em novos “modos de escuta” (Iazzetta, 2009).

Nas redes eletrônicas, durante muitos anos, houve uma volta ao estágio do ensino por correspondência, pois as conexões para trocas de dados eram lentas e serviam essencialmente para o envio de textos. A principal ferramenta nesse período foi o e-mail: gerando baixo custo e alcançando vários destinatários com um único clique, aumentava-se a circulação de idéias². O crescimento de tecnologias de “banda larga” foi a chave para que

¹ Podem ser citados como exemplos casos na BBC de Londres (BATES, 1995), em várias universidades americanas (MOORE e KEARSLEY, 2007) e, no Brasil, o Telecurso 2000 (LITTO, 2008).

² Pode ser citada como experiência, ainda no século XX (1999), o uso do e-mail em listas de discussão na disciplina Novas Tecnologias para uma Nova Educação, ministrada pelo Prof. Dr. José Manuel Moran, na

as comunicações por áudio e vídeo crescessem, sendo incorporadas em diversos serviços e formando repositórios de conteúdos digitais. Websites como YouTube (<http://www.youtube.com>) tornaram-se a marca de uma geração, o ponto centralizador de imagens captadas ou redirecionadas por qualquer indivíduo que queira compartilhar informação.

Nesse cenário, forma-se o que é nomeado “ambiente virtual de aprendizagem”, sistemas planejados para utilizar os recursos da Internet como meio educacional. A combinação de textos, sons e imagens (estáticas e em movimento) é usada para a transmissão de conteúdos e para gerenciar interações, produzindo dinâmicas de trabalho diferentes de tudo que existia antes. Um desses ambientes, o Moodle, foi adotado no projeto UAB, assim como em outras universidades abertas de grande destaque no mundo³. Mas, a despeito de tantas inovações tecnológicas, a pergunta mais comum que ainda se ouve é: “como tudo isso funciona para ensinar música?”.

Ensino de música a distância

O formato mais óbvio para o ensino de música a distância é a transposição de uma aula presencial para meios de comunicação eletrônicos. Usando softwares na Internet como o Skype, é possível ligar câmeras e transmitir som e imagem entre dois pontos quaisquer, reproduzindo a mesma sistemática que ocorreria se professor e aluno estivessem fisicamente juntos. Tal formato é usado em vários casos e deve crescer, na medida em que a qualidade das transmissões aumenta e nuances sonoras e detalhes de movimentos são percebidos de forma mais acurada. Um exemplo são as aulas de percussão na escola Drummers Collective⁴, transmitidas a partir de Nova York. Após pagamento com cartão de crédito e a definição de um horário, percussionistas de qualquer lugar do mundo poderão ter lições particulares com os docentes dessa instituição.

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Tal disciplina teve como resultado a produção de um website (<http://cdchaves.sites.uol.com.br>), fato incomum para a época.

³ Por exemplo, o Moodle foi adotado também na Open University, a Universidade Aberta do Reino Unido, surgida em 1969 e tida como modelo de sucesso para várias outras instituições similares, ainda nos dias atuais.

⁴ Mais informações no seguinte endereço: http://thecollective.edu/596/Online_Lessons.

Esse formato é uma alternativa para que músicos em cidades pequenas e zonas rurais tenham acesso a aulas de instrumento, regularmente, como se estivessem freqüentando uma escola ou a casa do professor. No futuro, é possível que comunicações por hologramas sejam tornadas realidade, viabilizando transmissões em três dimensões como fato rotineiro no estudo musical. Nessa situação, a vivência de um momento presencial seria mais fiel e precisa, pois se poderia caminhar em torno da imagem enviada, observando uma mesma cena de diversos ângulos. Entretanto, simples tentativas de reprodução da aula tradicional não utilizam o amplo espectro oferecido pelas redes eletrônicas. Muitos recursos podem ser utilizados para promover a interação do aluno com outras fontes, além do seu professor, colocando-o em contato com grandes diversidades nas formas de pensar e aprender música.

Por exemplo, o hábito que a geração Net (OBLINGER e OBLINGER, 2005) tem de navegar nas páginas da web pode ser aproveitado, se conteúdos determinados forem apontados como tópicos de discussão em fóruns. Com ferramentas desse tipo, dentro de um ambiente virtual, a relação entre mestre e aprendiz é expandida para incluir outras opiniões, dentro de limites controlados. Em aulas de instrumento, as várias maneiras de tocar podem ser confrontadas, ao passo que o professor demonstra suas escolhas e estimula seus alunos a encontrar suas próprias. Um exemplo é a disciplina “Percussão”, ministrada no curso de Licenciatura em Educação Musical da UAB – UFSCar (Universidade Federal de São Carlos em parceria com a Universidade Aberta do Brasil)⁵.

Nessa disciplina, dentro do ambiente virtual Moodle, são visualizados vídeos do professor, executando uma série de exercícios para desenvolver procedimentos para tocar com baquetas e com o pandeiro. É um meio para criar passos sequenciais, conduzindo o aprendiz gradativamente a práticas e conceitos mais complexos. Ao mesmo tempo, são indicados e discutidos outros vídeos, em sua maioria no YouTube, que mostram muitos instrumentistas e suas diferentes formas de tocar. Assim, há uma referência constante de ensino, mas sem que seja imposta como “verdade única e absoluta”.

Tradicionalmente, aulas de instrumento são individuais, com professor e aluno dividindo o mesmo espaço, face-a-face. A atenção exclusiva do mestre é um privilégio que não existe nos cursos da UAB, planejados para atender grupos grandes e que, para isso,

⁵ Para ter detalhes sobre essa parceria, visite: <http://www.uab.ufscar.br>.

envolvem equipes de tutores, projetistas educacionais e produtores de conteúdos. Os custos para gerar situações um-a-um são altos, especialmente em contatos síncronos, ou seja, quando a comunicação ocorre em tempo real, com respostas imediatas para todas as perguntas. Contatos como esse são ideais para o ensino de um instrumento musical, pois possibilitam correções adequadas e muita agilidade no desenvolvimento das atividades. Por outro lado, muitas vezes há dificuldades para que se compreenda exatamente o que está sendo tocado, dependendo da conexão com a Internet, da captação sonora e do sistema de alto-falantes dos computadores (GOHN, 2011).

Com vídeos pré-gravados, não existe interatividade em tempo real, mas pode-se garantir uma determinada qualidade de imagem e som, pois os arquivos são baixados completamente, antes de serem executados. Enormes repositórios de aulas têm sido criados na Internet, servindo de base para o ensino mediado por trocas de vídeos. O exemplo do site ArtistWorks (www.artistworks.com) é bastante representativo: com mais de 32 mil vídeos e material sendo produzido continuamente, oferece extensos materiais preparados por professores de diversos instrumentos, que orientam os aprendizes a gravar e enviar vídeos de determinados exercícios, e depois respondem com outros vídeos – dando feedback individual – para direcionar os estudos e corrigir erros. O aumento de aulas de instrumentos via *on-line* têm sido destaque em jornais como Los Angeles Times e New York Times (Pham, 2012; Saint Louis, 2012).

Além do maior controle sobre a qualidade dos materiais didáticos, o trabalho com vídeos pré-gravados apresenta outra vantagem: a série de imagens preparadas pode ser assistida repetidamente e direcionar a prática dos alunos. É importante lembrar que em aulas presenciais a instrução do professor se perde parcialmente, a não ser que sejam registradas em áudio e vídeo com uma qualidade mínima, o que demanda equipamentos e condições apropriadas.

No curso de Licenciatura em Educação Musical da UAB – UFSCar, equipes distintas são responsáveis pelo material impresso, audiovisual e do ambiente virtual, garantindo que pessoal capacitado trabalhe na produção dos conteúdos educacionais. Esse é um dos principais diferenciais entre cursos a distância preparados por instituições e aqueles que professores particulares oferecem na Internet: a articulação de vários profissionais, com tarefas específicas, trabalhando dentro de cronogramas rigorosamente ajustados. Tal

situação, com currículos que lidam com diversos aspectos da música, configura um avanço significativo para a educação musical no Brasil, e tem sido objeto de pesquisa nos últimos anos (GOHN, 2008 e 2009).

Em outros países, o ensino de música por meio de redes eletrônicas também tem despertado o interesse da comunidade acadêmica, principalmente com o uso de videoconferências. Tal realidade ficou evidenciada com a realização do *International Symposium on Synchronous Distance Learning*, em outubro de 2011. Nesse evento, diversas instituições mundialmente renomadas compartilharam experiências de suas aulas realizadas a distância, de forma síncrona: Manhattan School of Music, Indiana University, Royal College of Music, Cleveland Institute of Music, McGill University, Eastman School of Music, National University of Singapore, Waikato University, University of Calgary e Peabody Institute of Music.

Utilizando conexões extremamente velozes, por meio do sistema de Internet 2 (um consórcio que organiza redes com velocidades bem superiores às da Internet comum), responsáveis por essas instituições estão estendendo o alcance de suas ações e relatam resultados excelentes, a partir da alta qualidade obtida na comunicação a distância. Em publicações científicas, artigos também comprovam que as experimentações com aulas *on-line*, em tempo real, estão sendo bem sucedidas em vários países do mundo (Riley, 2009; Orman; Whitaker, 2010; Fernández et al., 2011).

Recursos educacionais abertos

Além de cursos e aulas regulares de música, na Internet se encontra um rico acervo de materiais, muitos deles planejados para utilização educacional. São os chamados “recursos educacionais abertos”, termo que foi popularizado a partir do projeto OpenCourseWare, iniciado pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology), em 2001. Com esse projeto, conteúdos de todos os cursos daquela instituição começaram a ser colocados online, gratuitamente. Hoje, mais de 2000 disciplinas⁶ já podem ser acessadas no endereço criado (<http://ocw.mit.edu>). Em anos seguintes, outras instituições e fundações

6 Entre essas disciplinas estão “Introdução á composição musical”, “Desenvolvimento de estruturas musicais”, “Música da Índia”, “Música da África”, “Harmonia e contraponto” e “Compondo com computadores”.

tomaram iniciativas parecidas, construindo uma rede de conteúdos que é organizada em websites como o Open Educational Resources Commons (<http://www.oercommons.org>). Outros exemplos que podem ser citados são o Google Acadêmico (<http://scholar.google.com.br>), com artigos, dissertações e teses científicas; e sites com planos de aulas, revelando atividades que acontecem no mundo inteiro⁷. Buscas por palavras-chave guiam a navegação entre todos esses endereços eletrônicos, dando acesso a alunos buscando aprendizagens e a professores que procuram aprimorar-se na docência. Dessa forma, é possível acompanhar o que seus colegas estão fazendo e como os cursos são organizados.

No Brasil, com a coordenação da Profa. Dra. Rosana Lanzelotte, o Instituto Musica Brasilis tem desenvolvido conteúdos com repertórios nacionais, como partituras, gravações, vídeos e jogos educacionais. Dois websites (<http://www.ernestonazareth.com.br> e <http://www.musicabrasilis.com.br>) servem como base para iniciativas que objetivam a valorização da música brasileira, propondo atividades de escuta com esse material. O projeto Nazareth, por exemplo, colocou na Internet todas as partituras já escritas pelo compositor Ernesto Nazareth, produzindo também um CD com gravações inéditas de sua obra. Conceitos musicais como “síncopa” são discutidos, direcionando o foco das atenções para músicas do acervo, criando desafios para que se identifique um ritmo sincopado entre várias alternativas, e mostrando um vídeo do percussionista Caíto Marcondes, falando sobre o assunto. No site Musica Brasilis, escutas guiadas auxiliam ouvintes a ver em partituras determinados eventos musicais de interesse, que giram em torno de compositores brasileiros eruditos, pouco conhecidos por grande parte da população do nosso país.

O uso de recursos educacionais abertos pode resultar em aprendizagens, mas não há certificações ou diplomas. Não se trata de um curso, mesmo que exista um programa de estudos sugeridos e atividades para testar os conceitos trabalhados. Contudo, diferentemente de plataformas de compartilhamento como o YouTube, em que se misturam vídeos de várias fontes, nos projetos mencionados acima um controle sobre os conteúdos assegura sua procedência e confiabilidade. Muitas vezes, o local de armazenamento dos materiais, quando imagéticos, é o próprio YouTube, mas há uma seleção específica e

7 Por exemplo: <http://www.berkleeshares.com>, <http://www.lessonplanspage.com/Music>, <http://teachers.net>, <http://www.teach-nology.com/teachers> e www.connectwithmusic.org, este último com planos de aulas envolvendo música e matemática.

comentários direcionados. Transforma-se então em um repositório de exemplos, uma poderosa ferramenta de ensino (Rudolph; Frankel, 2009), assim como outros sistemas similares que foram criados especificamente com finalidades educacionais: TeacherTube (<http://www.teachertube.com>) e SchoolTube (<http://www.schooltube.com>).

Ferramentas digitais têm como uma de suas principais características a facilidade de produzir cópias exatas de informação. Após uma captação de som e imagem ser digitalizada, pode ser transferida entre diferentes aparelhos, como celulares ou PDAs (*personal digital assistants*). O celular, por sua portabilidade e presença constante no dia a dia, é um dos meios para que se tenha sempre acesso à informação, e serviços de *websites* como KeepVid (<http://keepvid.com>) ou Catch Video (<http://catchvideo.net>) baixam vídeos com formatações adequadas para esse tipo de aparelho. Portanto, junto a laptops, iPods e demais máquinas portáteis, servem para divulgar objetos de aprendizagem e levá-los a qualquer espaço físico.

Embora os recursos abertos da Internet não configurem cursos, são peças fundamentais para o esclarecimento de dúvidas no mundo virtual. Os conteúdos sobre síncope no projeto Nazareth, por exemplo, podem auxiliar a um estudante com dúvidas sobre o tema. Uma pesquisa com esse termo no Google resulta, entre em outros *links*, em discussões de fóruns abertos, com respostas de usuários da rede, e definições em dicionários online e na Wikipédia⁸. São materiais escritos sobre o conceito “síncope”, descrevendo um tipo de evento musical, mas que não apresentam exemplos sonoros desse evento. “Falar sobre” nem sempre irá resolver questões por completo, pois as explicações não estão diretamente atreladas aos fenômenos musicais a que se referem. Após ler esses textos, o estudante poderá ter uma idéia geral sobre o assunto, mas sem experimentar realmente nenhum ritmo sincopado, não saberá se compreendeu de fato. Com exercícios e com um breve vídeo, a explicação teórica ganha materialidade e facilita o processo.

A importância dos recursos abertos vai aumentar na proporção em que sua presença na rede cobrir maiores variedades de temas e objetos específicos. Embora a quantidade de projetos e conteúdos já seja bastante expressiva, há um enorme campo ainda não explorado. É provável que, futuramente, sites como Musica Brasilis e Open Educational Resources Commons se tornem referências diretas de pesquisa, da mesma forma que o Google e

⁸ [http://pt.wikipedia.org/wiki/Síncope_\(música\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Síncope_(música)).

outras ferramentas de busca hoje são pontos centralizadores de investigação online. Então, haverá expectativas de se encontrar recursos sobre todo e qualquer assunto, com materiais especialmente preparados para facilitar e testar aprendizagens. Como elemento complicador, há o fato de que a maior parte desses materiais surge em inglês, sendo necessário dominar esse idioma para transitar entre muitos dos projetos citados anteriormente.

O acesso a informações sobre tecnologia musical na língua portuguesa ainda é muito incipiente. Na área da educação musical, são poucas as oportunidades para que professores aprendam a usar as ferramentas que estão disponíveis. Nos Estados Unidos, duas instituições foram criadas para trabalhar nesse sentido: ATMI (Association for Technology in Music Instruction) e TIME (Technology Institute for Music Educators). Oferecem cursos e publicam livros sobre a utilização de softwares e atividades práticas em sala de aula, criando estágios graduais de envolvimento com a tecnologia. No Brasil, eventos organizados pela ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), FLADEM (Fórum Latino-americano de Educação Musical) e ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música) produzem importantes discussões para o desenvolvimento da educação musical em nosso país, mas não têm um histórico de trabalhos direcionados às novas tecnologias. Ainda que sejam levantadas discussões sobre a antiga frase “o que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil”, resistindo à imitação de modelos estrangeiros, podemos aprender com o pragmatismo dos americanos, pelo menos em relação ao uso das tecnologias musicais.

Caminhos possíveis

Na atualidade, percebem-se condições bastante favoráveis para um maior uso das tecnologias pelos professores de música, permeando a educação com recursos da Internet e melhores aperfeiçoamentos docentes. Até recentemente, para a maior parte da população brasileira, a única alternativa para se aprender tecnologias musicais era a compra de softwares “piratas”, ou seja, ilegais. Com investimentos bem inferiores aos valores dos softwares “oficiais”, qualquer programa poderia ser adquirido, sem garantias contra vírus ou suporte para eventuais problemas, deixando o usuário a mercê de seus próprios

conhecimentos para a instalação e a aprendizagem dos procedimentos necessários. Ainda que esse “mercado paralelo” tenha viabilizado muitos projetos, ele não apresenta uma solução para o problema da tecnologia. É preciso encontrar caminhos dentro das leis, oficialmente, principalmente para que os recursos tecnológicos possam ser usados em escolas e universidades.

Alguns fatores contribuem para que se tenha perspectivas animadoras para o futuro próximo. Primeiramente, o acesso à Internet no Brasil já é uma realidade nos quatro cantos do país, a valores alcançáveis por grandes contingentes populacionais. Temos muitas *lan houses* distribuídas pelo território nacional, oferecendo conexões a preços acessíveis. Neste início do século XXI, o número de usuários online ultrapassou 73 milhões⁹ e percebe-se um contínuo crescimento dos sistemas de conexão banda larga (Telebrasil, 2012), comprovando a presença das redes eletrônicas não somente nas classes mais abastadas, mas também nos círculos de baixa renda. Com equipamentos cada vez custando menos e ficando mais simples de usar, é possível produzir gravações com qualidade profissional em casa, sem que seja necessário recorrer a estúdios, pois muitos softwares estão disponíveis gratuitamente, na Internet. Recebendo algumas instruções básicas, qualquer pessoa pode começar a usar esses programas, tomando os primeiros passos nos caminhos tecnológicos.

Um exemplo é o Audacity¹⁰, que possibilita gravação e edição de som, por meio de comandos bem simples, gerando um enorme universo de atividades para professores e estudantes de música. Gravar aulas e enviá-las por e-mail para alunos e colegas é uma das opções, entre várias. Porém, mesmo que seja esse um programa fácil de usar, muitos indivíduos são afastados pela simples necessidade de se baixar e instalar um arquivo. Tal procedimento, usual e descomplicado para alguns, é um empecilho para outros, por inexperiência, desconfiança (será que há um vírus?) ou mesmo preguiça. Mas, facilitando ainda mais o processo, surgem programas que podem ser usados diretamente da Internet: os softwares online.

São chamados de softwares online aqueles que não precisam ser baixados e instalados na máquina do usuário. Estando o computador conectado à rede, podem ser usados diretamente dos servidores, muitas vezes oferecendo a possibilidade de armazenar

⁹ Segundo uma pesquisa divulgada pela Folha de São Paulo, disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/759895-total-da-populacao-on-line-ultrapassa-73-milhoes-no-brasil.shtml>

¹⁰ O Audacity pode ser baixado gratuitamente no website <http://audacity.sourceforge.net/download>.

os arquivos resultantes no mesmo local, ou seja, “na Internet”. Um caso bastante conhecido é o GoogleDocs (<http://docs.google.com>), com editores de textos e planilhas, que produzem conteúdos que podem ser imprimidos e salvos a partir do website da Google, sem que nenhum arquivo seja instalado. Após avanços nas conexões banda larga e nas tecnologias de áudio dos programas, começaram a surgir softwares online que lidam com produção musical, de maneira absolutamente simples e funcional.

Os exemplos são vários: o Soundation Studio (<http://www.soundation.com>) tem vários loops que podem ser editados com efeitos diversos; o Myna (<http://aviary.com>), além de loops, tem recursos de gravação de áudio; com o Jam Studio (<http://www.jamstudio.com>) pode-se preparar uma seqüência harmônica rapidamente, para práticas de improvisação; e com o Indaba Music (<http://www.indabamusic.com>) e o OHM Studio (<http://www.ohmstudio.com>) entra-se em comunidades online que compartilham e co-produzem música. Uma série de novos caminhos se abre para o envolvimento com as tecnologias, superando barreiras que antes permaneciam como mistérios decifráveis apenas para alguns poucos “iluminados”.

Como já foi colocado, contornar a etapa de instalação dos programas é uma facilitação considerável. O detalhe importante é que, estando o software no servidor (e não na máquina do usuário), todas as suas atualizações e correções de deficiências na programação (os chamados “*bugs*”) irão aparecer automaticamente, evitando também problemas de compatibilidade. Dessa forma, não é preciso contar com assistência técnica para a resolução de muitas questões comuns para softwares que “vivem” dentro dos nossos computadores. Portanto, basta que o usuário acesse um website e o programa estará na tela, pronto para ser usado em sua versão mais recente.

Outro aspecto facilitador é a existência de loops gratuitos, que podem ser arrastados para dentro das interfaces e editados em produções musicais. Como o funcionamento desse sistema é bem intuitivo, um músico sem vivência tecnológica poderá aprender com experiências diretas, sem necessidade de orientações. Além disso, alguns dos programas citados têm recursos de gravação sonora, formando contextos semelhantes àqueles de softwares avançados como Pro-Tools, Logic, Cubase ou Sonar. Logicamente, com funções muito limitadas, mas ensinando a reconhecer os elementos principais e características das ferramentas disponíveis.

Certamente, a utilização de softwares online não é uma solução definitiva para o problema da tecnologia. Muitas questões devem ser consideradas, incluindo interesses econômicos de produtores de softwares proprietários que não aprovam a oferta gratuita de serviços similares aos seus. Mas a existência do “primeiro passo” para qualquer iniciante em tecnologia é fundamental para que ações mais complexas sejam tomadas em seguida. Esse passo freqüentemente é resultado de aprendizagens nas redes eletrônicas, seja por meio de cursos formais, recursos abertos ou pela utilização direta de programas de música.

Conclusão

A educação a distância não é um fenômeno recente, surgido com a Internet. Há uma longa trajetória de realizações passadas a observar, demonstrando casos de sucesso e projetos mal sucedidos. Se devemos olhar para o futuro, a procura de inovações úteis e relevantes, também não podemos deixar de aprender com o que já foi feito. Unindo os dois lados, as construções no presente serão bem direcionadas. Os vários exemplos colocados neste artigo comprovam que o desenvolvimento da EAD está sendo se expandindo, incluindo a área musical. Os diferentes formatos de ensino de música na Internet irão conviver e servir a seus públicos específicos: aulas de instrumento que reproduzem situações presenciais (como aquelas da Drummers Collective), websites que formam repositórios de vídeos on-line (como o exemplo do ArtistWorks), cursos que combinam disciplinas de conhecimento musical com outras de formação pedagógica (como a Licenciatura em Educação Musical da UAB – UFSCar), recursos educacionais abertos (como os projetos do Instituto Musica Brasilis) e softwares online que facilitam a aprendizagem de tecnologias musicais (como Myna, Soundaution, Jam Studio, Indaba Music e OHM Studio).

Não se justificam as resistências na implementação de projetos voltados para a educação a distância. Um bom projeto sempre poderá ter resultados positivos, independente de ser constituído por etapas presenciais, a distância, ou combinações entre as duas. No entanto, muitas pessoas pensam somente em “substituição”, temendo que tudo que existe tenha que desaparecer, mesmo que outras estejam planejando “complementação”, buscando formas de aproveitar as novas tecnologias para melhorar e ampliar acessos à educação. A

observação de experiências demonstra que diferentes alternativas são válidas, se usadas com bom senso e coerência. Apontar recursos abertos da Internet como a solução para todos os problemas educacionais do Brasil não seria sensato, assim como afirmar que os softwares online, sozinhos, irão acabar com a exclusão digital no país. Mas, com a somatória de todos os elementos que compõem as redes eletrônicas, grandes transformações irão ocorrer, gerando mudanças ainda maiores do que aquelas já constatadas até o momento atual.

Para a educação musical, os aumentos de velocidade nas conexões com a Internet são passaportes para trabalhos mais complexos, atuando com o material sonoro em atividades de criação coletiva, aulas em grupo e tutorias individuais. Acessos à banda larga menos dispendiosos já asseguram que esse universo digital chegue até parcelas cada vez maiores da população brasileira. Além de ler sobre música na rede, estudantes e professores irão focar conteúdos digitais de sons e imagens, interagindo com seus colegas e atuando na produção e na manipulação desses materiais. Dessa forma, assim como ocorreu com a comunicação por telefone celular e os serviços bancários via Internet, os processos de ensino e aprendizagem musical a distância irão ser consolidados, usando as novas tecnologias como meio para o crescimento e para o fortalecimento de práticas educacionais significativas em nosso país.

Referências

BATES, A.W. (Tony). **Technology, open learning and distance education**. London: Routledge, 1995.

FERNÁNDEZ, Joaquín et al. A telepresence learning environment for opera singing: distance lessons implementations over Internet2. **Interactive Learning Environments**, p. 1-18, 2011.

GOHN, Daniel M. **Educação musical a distância: abordagens e experiências**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

_____. Estudo da música e educação a distância. In: LITTO, Fredric Michael e FORMIGA, Marcos (orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Editora Pearson Education. p. 282-288, 2009.

_____. Um panorama da educação musical a distância. In: **Revista Educação Musical: Espaços e Contextos**. São Carlos: UFSCar, 2008. Disponível em: <<http://revista-uab.webnode.com/artigos/>>.

IAZZETTA, Fernando. **Música e mediação tecnológica**. São Paulo: Perspectiva / Fapesp, 2009.

LITTO, Fredric Michael. Public policy and distance learning in Brazil. In: EVANS, Terry; HAUGHEY, Margaret e MURPHY, David (eds.). **International handbook of distance education**. Bingley, UK: Emerald Group Publishing, p. 671-684, 2008.

MOORE, Michael e KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**. Uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

OBLINGER, Diana G. e OBLINGER, James L. Is it age or IT: first steps towards understanding the net generation. In: Diana G. Oblinger e James L. Oblinger (eds.), **Educating the net generation**. Boulder: Educause, p. 2.1-2.20, 2005.

ORMAN, Evelyn K.; WHITAKER, Jennifer A. Time usage during face-to-face and synchronous distance music lessons. **American Journal of Distance Education**, vol. 24, n. 2, p. 92-103, 2010.

PHAM, Alex. ArtistWorks' online lessons resonate with musicians and students. **Los Angeles Times**, 10 de janeiro 2012. Disponível em: <latimes.com/entertainment/news/la-fi-ct-artistworks-20120110,0,472686.story>. Acesso em: 10/01/2012.

RILEY, Patricia E. Video-conferenced music teaching: challenges and progress. **Music Education Research**, vol. 11, n. 3, p. 365-375, 2009.

RUDOLPH, Thomas; FRANKEL, James. **YouTube in Music Education**. Nova York: Hal Leonard Books, 2009.

SAINT LOUIS, Catherine. Internet veloz amplia o acesso a aulas de música on-line. **Folha de São Paulo**, Caderno The New York Times, p. 6, 23 de janeiro de 2012.

TELEBRASIL. **Brasil fecha 2011 com 58 milhões de acessos em banda larga**. Cobertura das redes de terceira geração chega a 2.650 municípios, que concentram 83% da população brasileira. Artigo publicado em 02/02/2012. Disponível em: <<http://www.telebrasil.org.br/artigos/artigos.asp#1202>>. Acesso em: 24/02/2012.